



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

ASSESSORIA DE IMPRENSA

imprensa@unisantos.br

(13) 3228 1239

Jornal: **A Tribuna**

Data: **30/3/2015**

Seção/Página: **Capa e Cidades- A6**

“Ensino Médio é gargalo”, diz Medina Leite

O reitor da Universidade Católica de Santos (UniSantos), Marcos Medina Leite, fala sobre o desafio de buscar a qualidade no Ensino Superior, mesmo com o gargalo existente na etapa anterior, o Ensino Médio. E destaca a importância das universidades para evitar o “apagão” de professores no Brasil.

A-6

Série

A Tribuna inicia uma série de entrevistas com nomes expoentes em determinadas áreas, com objetivo de discutir temas importantes para a sociedade.

“O Ensino Médio não ensinou ao aluno a desenvolver autonomia de estudo”

TATIANE CALIXTO
DA REDAÇÃO

A Tribuna inicia hoje uma série de entrevistas com nomes expoentes em determinadas áreas com o objetivo de discutir temas importantes para a sociedade. Hoje, quem responde às questões é o reitor da Universidade Católica de Santos (UniSantos), Marcos Medina Leite. Ele, que está em seu segundo mandato à frente da reitoria, fala sobre o desafio de buscar a qualidade no Ensino Superior, mesmo com o gargalo existente na etapa anterior, o Ensino Médio. Ele também discute a importância das universidades para evitar um ‘apagão’ de professores no País e lamenta o imbróglio com o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies). “Tem de ter financiamento, sim. Por isso, do ponto de vista de política pública, eu apoio integralmente. Mas política pública precisa ser operacionalizada com responsabilidade. E, infelizmente, o que vimos no final do ano passado e começo deste ano foi a mudança dos critérios quando já tínhamos um enorme contingente mobilizado”. Confira os principais trechos da entrevista.

Como buscar a qualidade no Ensino Superior, levando em consideração o cenário da educação básica e, principalmente, o gargalo que é o Ensino Médio?

Há uma fragilidade na formação original, uma defasagem significativa entre os ingressantes (do Ensino Superior). Essa é uma realidade do sistema educacional. Mas, para quem é professor há uma máxima, que é até o nome de um filme chinês: nenhum a menos. É um princípio geral que todos os alunos são fundamentais. E não se trata da visão econômica de não se perder o estudante porque ele representa uma receita. Mas se trata da missão do docente de entender que ele precisa trabalhar a despeito das diferenças que os alunos têm. Para facilitar, nós identificamos entre nossos docentes aqueles que tenham um jeito, uma pedagogia mais adequada aos primeiros anos, exatamente para o enfrentamento deste gap. Só que não é porque determinados estudantes trazem uma defasagem do Ensino Médio que eu reduzirei o conteúdo do Ensino Superior. Então, para conseguir este equilíbrio, há um programa de livre adesão e sem qualquer curso adicional, o Piva (Programa de Iniciação de Vida Acadêmica). São encontros diários e diferenciados por curso em janeiro. E depois continua, antes ou depois das aulas até o final do primeiro ano. Isso para que o aluno tenha contato com conteúdos que faltaram. Mas o problema do Ensino Superior vai além da questão de conteúdo.

O que mais?

O Ensino Médio, por exemplo, não ensinou ao aluno a desenvolver autonomia de estudo. A realidade do Ensino Fundamental e do Ensino Médio contrasta com a realidade do Ensino Superior. Há uma ruptura. Você deixa de ter um processo de ensino-aprendizagem tutelado para ter um processo que depende muito de você e da sua iniciativa e a universidade é provedora/facilitadora de oportunidades. Alguns alunos se perdem. O exercício da liber-

W Não é porque estudantes trazem uma defasagem do Ensino Médio que reduzirei o conteúdo do Superior”

dade pode ser complicado, principalmente para quem sai da tutela e tem oportunidade de construir sua própria caminhada, sem maturidade e senso de responsabilidade razoável. Por isso, existe um outro trabalho do Departamento de Apoio Psicológico, Psicopedagógico e Social para fazer o acompanhamento neste sentido. Não é meramente uma questão de conteúdo. E esse grupo também cuida dos docentes.

O senhor falou de docentes. Precisamos de bons professores para garantir a qualidade do ensino básico e ajudar a interromper esse ciclo. Mas, de uma forma geral, o que vemos é um esvaziamento nos cursos de licenciatura. Qual a responsabilidade das universidades em atrair estudantes para as licenciaturas e garantir uma formação que prepare o professor, de fato, para atuar na sala de aula?

O problema das licenciaturas é um problema nacional. Hoje, no Brasil, faltam professores de Matemática, de Física, de Química e... bom, de Geografia nem falta. É pior. É quase uma questão de extinção. Mas, hoje, aqui, temos conseguido fazer crescer nossas turmas de licenciatura. Mas temos de reconhecer algumas medidas para chegarmos a esse cenário e dizer que a longo prazo mais coisa precisa ser feita. Fazemos contatos com escolas de Ensino Médio e, em alguns casos, últimos anos do Ensino Fundamental, das redes estaduais e municipais, e nos oferecemos para trazer os estudantes à universidade. O objetivo é despertar a intenção de ter o diploma universitário porque muitos não têm essa perspectiva. Fora isso, temos há 15 anos o programa da formação regular em mestrado, e vamos agora para o doutorado, na área de Educação, voltado para professores. Ao estabelecer este programa, iniciamos um processo junto ao Governo Federal para atrair para nossa universidade programas que representem condições de fomento para que pessoas interessadas possam estudar. Além disso, alguns programas levam esses estudantes para as salas de aula, ajudando a revisar algumas práticas pedagógicas. Então, temos um aluno motivado porque se sente respaldado à futura prática e porque eles estão bolsistas. Isso ajuda, dá um alento, mas não resolve.



FOTOS ALBERTO MARQUES

W Devemos fazer uma opção: o que é mais importante? Investimento no campo X ou Y ou investimento no professor?”

E o que resolveria?

Todos os governadores serão signatários do pacto pelo Piso Nacional do Professor. E, para isso, é necessário que nos orçamentos haja prioridade para a Educação. Então, nós podemos resolver o problema da formação. Mas a valorização é demanda das redes. Como cidadãos, devemos fazer uma opção: o que é mais importante? O investimento no campo X ou Y ou o investimento no professor?

O que parece é que as instituições da Baixada Santista foram mais cautelosas na adesão ao Fies. Mas o fato é que o programa se popularizou e, exatamente neste momento, houve o problema que estamos enfrentando. Como o senhor analisa a questão do financiamento no Ensino Superior e qual o impacto do Fies para a UniSantos?

Ano após ano, só ampliamos o contingente deste programa. Nosso contingente de alunos

com Fies só não é maior porque entramos um pouco tardiamente, pois aguardamos que as políticas públicas estivessem integradas. Porque o Fies é anterior às políticas grandes de universalização. No PNE, ele se integra perfeitamente e, aí, nós mergulhamos.

Como foi o posicionamento da faculdade, já que para muitos alunos, hoje, o Fies seria a única alternativa para o curso?

Colocamos mais crédito e mais crédito e, hoje, lamento profundamente. Tem de ter financiamento, sim. Por isso, do ponto de vista de política pública, eu apoio integralmente. Mas política pública precisa ser operacionalizada com responsabilidade. E, infelizmente, o que vimos no final do ano passado e começo deste ano foi a mudança dos critérios quando já tínhamos um enorme contingente mobilizado. As instituições já haviam definido seus pagamentos, os alunos já fize-

ram Enem, programaram suas vidas, se matricularam nas universidades esperando que em 1º de janeiro o Fies estaria aberto, como têm sido todos os anos. E a nossa expectativa este ano era ter um aumento de 50% do efetivo do Fies e já tinha sido verificado um aumento de 200% em relação ao ano anterior. Houve mudanças na regra do jogo e transferiram para a universidade a responsabilidade da dificuldade do aluno, oferecendo mensagens mentirosas de que não tínhamos crédito declarado. Eu tinha mais de R\$ 3 milhões declarados que não estavam sendo usados quando apareceram essas mensagens para os alunos. Depois, seguida por uma outra mensagem que dizia que não tínhamos vagas. Esses alunos já estavam matriculados. Que história era essa de vaga? No encontro de quinta-feira (o reitor esteve em Brasília) que ouvi o que era vaga, no entender do coordenador do operador do Fundo Nacio-

nal de Desenvolvimento da Educação. Vaga é a vaga financeira no programa de financiamento. Hoje, nosso grande problema é quanto à segurança dos critérios adotados.

E o impacto para a universidade e alunos?

Tive contato com reitores preocupadíssimos. Graças a Deus nossa condição de sustentabilidade não será afetada profundamente. Porque nosso contingente vinha sendo trabalhado dentro de uma lógica de sustentação de todo o programa. Temos outras medidas de crédito possíveis e nenhum aluno ficará desassistido pela falta do Fies.

Temos discutido muito a questão da violência no entorno das universidades. Fora isso, a sociedade ainda vive sob a notícia de violência em trotes e em festas universitárias. Gostaria que o senhor falasse um pouco sobre essa questão e se a universidade pode ou como deve atuar nestes assuntos fora da sala de aula, mas que envolvem o universitário?

Existe uma violência social que não guarda fronteiras e a Educação é afetada por isso. Especificamente naquilo que nos envolve, em Santos, nós temos tido um fórum permanente com a Prefeitura de Santos, que tem sido otimizado nos últimos três meses, até um pouco antes do episódio fatal e lamentável do jovem morto no Boqueirão. E já vínhamos discutindo algumas ações para contornar alguns riscos. Como, por exemplo, aumentar a iluminação nas ruas dos entornos, garantir que tenhamos o menor número de estabelecimentos próximos à universidade e que estejam em situação legal, observar que o local onde temos alta concentração de jovens, em um período padronizado, acaba sendo um convite para aquele que deseja operar na multidão. Há, inclusive, um projeto de integração das câmeras de vigilância das instituições com o sistema de monitoramento da Prefeitura. No que diz respeito ao entorno, é isso. Mas isso não basta.

E o que mais seria preciso, então?

O modelo de universidade não combina com o modelo de repressão. A universidade é por si um espaço de acolhimento, de falar sobre aspectos novos da realidade, trazendo visões diversas. É aberta. Temos de estar abertos aos fenômenos sociais. E como fazê-lo com grades? Não tenho uma resposta para o problema da violência, mas sei que só a Educação pode resolver. Eu preciso que as famílias vão mais às escolas. Que elas troquem as armas pelos cadernos e pelos livros. Eu preciso que as pessoas queiram aprender. Se a universidade virar as costas para isso ou os professores virarem as costas para isso, o que sobrou para os nossos filhos? Não é um situação fácil. Mas é mais que polícia.



W O modelo de universidade não combina com o modelo de repressão”